

EDITORIAL

1962-2012: FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE DO PORTO

Em 2012 comemora-se o cinquentenário do regresso do ensino da Filosofia à Universidade do Porto. Em 1962 iniciou a sua atividade a Faculdade de Letras, reinstituída no ano anterior pelo Decreto 43.864, de 17 de agosto¹, com licenciaturas em Filosofia e em História (2ª secção) e o Curso de Ciências Pedagógicas (3ª secção), crescendo até às atuais 13 licenciaturas, 30 mestrados e 14 doutoramentos, com a Filosofia a manter presença nesses três níveis de estudos. Cinquenta anos depois desse ato marcante para a Universidade e para as humanidades no Porto e no País, o Departamento de Filosofia quis celebrar o momento e homenagear todos aqueles que, enquanto docentes, estudantes ou funcionários, contribuíram para o desenvolvimento da atividade e da formação filosóficas e mantêm vivo o espírito filosófico de questionamento permanente, contribuindo assim para a formação de cidadãos atentos e críticos.

A reintrodução do ensino de Filosofia na Universidade do Porto em 1962 retomava o que já tinha terminado há mais de três décadas, com o fim da chamada “primeira” Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Criada por decreto do Ministro Leonardo Coimbra em maio de 1919, foi mandada encerrar compulsivamente pelo governo da Ditadura Militar por decreto de Abril de 1928, cessando atividade em 1931². A “segunda” Faculdade de Letras foi criada em corte com aquela experiência e com os que então lá tinham ensinado ou sido formados. Também não é muito explícita a relação entre a nova Faculdade e o Centro de Estudos Humanístico que funcionou anexo à Universidade a partir de 1947 e onde o interesse pela Filosofia foi sendo mantido vivo por docentes de outras Faculdades, em particular de Medicina³.

¹ Para a história da reabertura da Faculdade e do seu funcionamento até 1974, cfr. F.M. Araújo, *Faculdade(s) de Letras do Porto: da (re)criação à revolução*, Dissert. Mestrado, FLUP, Porto 2008.

² Cfr. a recente obra P. Baptista, *O Milagre da Quinta Amarela. História da primeira Faculdade de letras da Universidade do Porto (1919-1931)*, Editorial UP, Porto 2012. A primeira faculdade de Letras foi mandada encerrar em Abril de 1928 por decreto da “Ditadura Militar”, ato que o “Estado Novo” só viria a reverter 30 anos depois do efetivo encerramento, que ocorreu em 1931 quando os últimos estudantes concluíram a sua formação

³ Cfr. L. de Pina, «Atividades filosóficas do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto», *Studium Generale*, 1, 1-2 (1955) 151-163; nesta que é a revista do próprio Centro e que foi publicada até 1969, é vasta a colaboração filosófica publicada.

Ao longo desta sua segunda e já mais longa vida, o Departamento de Filosofia, que até 2000 teve a designação oficial de Secção de Filosofia, gozou de mais ou menos autonomia consoante os modelos de gestão impostos ou concedidos às universidades, teve mais ou menos dinamismo consoante os meios, a dedicação e as ideias postas em prática pelos próprios docentes e estudantes. Embora os tempos já não permitissem a informalidade e o dinamismo filosófico existentes na primeira Faculdade, em Filosofia sempre se praticou um assinalável pluralismo teórico e prático, sem enfeudamentos disciplinares, reificações ideológicas ou exclusivismos de escola. Mesmo nos 12 anos que decorreram sob a ditadura que terminou em 1974, são vários os testemunhos de abertura filosófica da parte principal do corpo docente e discente.

A centralidade da história da Filosofia e mesmo a abordagem das diferentes áreas e problemas filosóficos numa perspetiva que não ignora a sua história, talvez tenha sido a marca metodológica mais saliente da escola do Porto. A presença da perspetiva sistemática e disciplinar está também bem vincada no trabalho publicado dos docentes e nos planos de estudos mais recentes, que nos tempos mais recentes deixaram de obedecer a um esquema nacional e são definidos internamente. Em 50 anos são muitas as correntes, as posições, as orientações, os temas que, também em Filosofia, afloram e desaparecem, sobretudo em tempos de vertigem da novidade, a que não pode escapar quem está deveras empenhado em participar nas discussões do seu tempo. Mas, na verdade, mais do que cultores extremos desta ou daquela escola, sempre foi espontaneamente preferido o posicionamento informado mas de diálogo crítico face às tendências de que cada um poderia partilhar, numa procura e afirmação de vias próprias para o conhecimento filosófico. No trabalho dos docentes que deixaram marcas mais duradouras pelo seu ensino e pelas suas publicações, podemos verificar linhas de continuidade e evolução pessoais, balizadas pela tentativa de conduzir-se a si mesmo no pensamento, descartando ser representante oficioso desta ou daquela corrente. Tal como na cultura portuguesa, até ao fim dos anos 80 foi predominante a influência e o diálogo com a Filosofia francesa, com atenção aos mais importantes filósofos alemães, espanhóis ou italianos. Após os anos 90 é crescente a abertura às correntes e prática filosófica de países anglo-saxónicos, como acontece em quase todos os outros domínios culturais e académicos, mas mantendo a mesma atenção e curiosidade, talvez ainda de modo mais agudo, com a filosofia feita em francês, italiano, alemão ou castelhano. A história destes caminhos das ideias demorará a ser feita. Talvez daqui a 50 anos haja uma leitura mais clara dos percursos seguidos e dos respetivos resultados.

Um dos resultados bem visíveis do Departamento, e onde poderá ser verificada essa pluralidade de interesses e de orientações, é a publicação periódica da *Revista Faculdade de Letras – Série de Filosofia*. Com uma primeira série entre 1970 e 1973, iniciou a segunda série em 1985⁴, mantendo uma longevidade pouco habitual em revistas académicas portuguesas, sendo na área de Filosofia a segunda mais antiga e em publicação, depois da decana *Revista Portuguesa de Filosofia*. Fundada sobretudo para publicar o trabalho dos docentes, a revista, também sinal dos tempos, evoluiu para uma publicação aberta e com avaliação por pares dos artigos propostos.

A pluralidade não poderia deixar de existir em académicos que cultivam o conhecimento e têm o gosto da discussão, como é o caso dos professores e estudantes de Filosofia.

⁴ Todos os números estão digitalizados e disponíveis em acesso livre na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id16&sum=sim>.

Em cinco décadas o Departamento teve cerca de 50 Professores e Assistentes, alguns dos quais com mais de 40 anos de serviço, outros com breve colaboração de alguns meses. O número de docentes em atividade simultânea variou muito, desde as quase três dezenas no início dos anos 80 até aos atuais 10 em tempo integral e algumas colaborações externas a tempo parcial. A atividade de um docente universitário materializa-se sobretudo em três domínios, o ensino, a investigação e as publicações. Do ensino podem dar testemunho todos aqueles que frequentámos os cursos de Filosofia da FLUP, as publicações permanecem para lá do tempo da sua produção e chegam a muitos mais destinatários. Está em preparação e será em breve publicada uma monografia contendo uma biografia académica e a bibliografia completa das publicações de cada um dos docentes do Departamento entre 1962 e 2012.

O número de estudantes é mais difícil de contabilizar, sendo seguramente vários os milhares que frequentam e frequentaram os diferentes cursos, ou todos os cidadãos que não sendo estudantes participaram nas atividades do Departamento. Por exemplo, no seu primeiro ano de funcionamento, em 1962-1963, o curso de Filosofia (então para uma duração de 5 anos) teve 75 estudantes inscritos e entre 1962-1974 foi frequentado por 961 estudantes⁵. O “Índice de Filosofia – Ano Lectivo de 1983 a 1984” registava 565 estudantes no conjunto dos 4 anos da Licenciatura quando ainda funcionava apenas este curso, com propinas de valor residual e estudantes que podiam manter-se inscritos indefinidamente sem efetiva frequência do curso. Atualmente, num quadro de oferta formativa fortemente concorrencial e com custos de frequência crescentes, Filosofia tem mais de 300 estudantes, 193 na Licenciatura (3 anos de duração), 43 no Mestrado em Filosofia (2 anos), 27 no Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário (2 anos, com estágio), 46 no Programa doutoral em Filosofia (3 anos). Mesmo através de uma observação espontânea deteta-se uma variação profunda nos perfil dos estudantes, que acompanha mudanças sociais mais profundas e com as quais lidamos com dificuldade e uma certa desorientação. De estudantes que cultivavam os seus próprios interesses, que liam e procuravam os seus livros e autores preferidos, com os quais confrontavam o que os próprios professores ensinavam, passou-se para uma atitude mais passiva na relação com a Filosofia, com muito baixa capacidade de iniciativa para expressar preferências e para procurar autores e interesses para lá do que é oferecido nos programas e nas lições. Trata-se de uma tendência maioritária, com exceções notáveis, mas raras. Seguramente a variedade de interesses para lá dos limites da própria Filosofia é algo que ainda não sabemos valorizar e reorientar em gerações expostas e uma oferta cultural e intelectual que parece em si mesma dispersiva. O desafio para, neste contexto, darmos forma a um ensino exigente e gerador de satisfação e de formação é enorme e exige mais atenção que a que podemos ou sabemos dedicar-lhe.

Ao longo deste tempo 4 funcionárias trabalharam mais de perto com o Departamento, que agora já não tem secretariado próprio, outro sintoma e causa da transferência para os docentes das tarefas burocráticas que a organização do ensino e do funcionamento da instituição implicam. Os docentes são de facto cada vez mais chamados a tarefas que colidem com a função principal de ensino e investigação, diminuindo a possibilidade de dedicação ao estudo e à atualização para um ensino de qualidade. Progressivamente a relação pedagógica foi sendo confinada por obrigações burocráticas à distância, quase sempre mediadas pela informática, despersonalizando a relação dos estudantes com a instituição e com os docentes, ao mesmo tempo que é dada a ilusão de se ter estreitado à custa de uma

⁵ Cfr. F. M. Araújo, *Faculdade(s) de Letras do Porto*, cit., p. 276.

disponibilidade permanente para atender às solicitações de quem quer que seja, que podem chegar a qualquer hora por email.

Durante este período o Departamento acompanhou todas as alterações solicitadas pelas circunstâncias ou pelas alterações legislativas. A mais visível é a passagem da formação em Licenciatura de 5 anos, primeiro para 4 anos e, mais recentemente, agora para 3 anos, ao mesmo tempo que se passava da inexistência de pós graduações até 1985, para a atual existência de dois Mestrados (o primeiro Mestrado foi criado em 1985) e um Programa doutoral (desde 2007, com formação para doutoramento desde 2002). Se o número de estudantes se manteve proporcionalmente estável, com picos de acesso após 1968 e 1974, verificou-se um aumento considerável do número de disciplinas lecionadas devido às pós-graduações, a par de um decréscimo drástico do número de docentes.

Os professores e investigadores formados, as publicações, os encontros científicos, as muitas discussões, a criação de ideias, o diálogo filosófico nacional e internacional, animam a continuar o trabalho realizado e a não esquecer o muito que foi feito, ou o que poderia ter sido feito de outra maneira, sobretudo a pensar o que teremos que fazer para dominar e não sermos dominados pelas mais pessimistas perspectivas de futuro.

Foi pois para assinalar este primeiro cinquentenário como uma passagem, não como uma paragem, que a Comissão Executiva do Departamento de Filosofia organizou um tributo a anteriores e atuais docentes, estudantes, funcionários. Esta celebração integrou 2 iniciativas públicas: uma exposição e quatro mesas redondas.

A exposição bibliográfica *Filosofia da FLUP* na Biblioteca da Faculdade de Letras, entre 26 de novembro e 14 de dezembro, integrando livros, artigos, capítulos, teses de docentes do Departamento, publicados entre 1962 e 2012. Agradecemos à Dr.^a Isabel Pereira Leite e às funcionárias da Biblioteca D.^a Laura Gil e D.^a Marlene Borges toda a colaboração para a realização desta exposição; os estudantes de doutoramento Ana Lima e Hélder Santos deram uma preciosa ajuda na pesquisa bibliográfica, pelo que lhes agradecemos também esse contributo. Esta exposição será complementada com a publicação de uma monografia contendo dados académicos e a bibliografia dos docentes do departamento para esse mesmo período.

O momento mais significativo desta evocação foi o conjunto de 4 mesas redondas que decorreram entre 19 de outubro de 10 de dezembro de 2012. O objetivo foi sobretudo evocar memórias, proporcionando também o encontro entre docentes, estudantes e investigadores de Filosofia da Faculdade de Letras, com a comunidade académica e a cidade.

— No dia 19 de outubro, tiveram início as comemorações, com uma breve cerimónia inaugural com as intervenções da Diretora da Faculdade, Prof.^a Doutora Maria de Fátima Marinho, do Vice-Reitor Prof. Doutor António Cardoso, da Presidente do Conselho Pedagógico Prof.^a Doutora Paula Pinto Costa e do Presidente do Departamento.

Seguiu-se a primeira das mesas redondas, sobre *A secção/departamento na FLUP e na UP*, com atuais e antigos professores do Departamento: José Meirinhos (que moderou), José Augusto Graça, Álvaro dos Penedos, Maria José Cantista. As diferentes intervenções foram oportunidade para uma evocação saudosa, por vezes emocionada mas também muito bem humorada, de histórias e expectativas da secção/departamento, a importância dos percursos pessoais e profissionais, sem esquecer dificuldades e contingências, a identificação das principais características de funcionamento do departamento na relação com os estudantes e a expressão de várias propostas para a continuidade e fortalecimento da presença

- e intervenção da Filosofia no momento presente e no futuro próximo.
- No dia 2 de novembro decorreu a mesa redonda *Filosofia no Porto*, com antigos e atuais docentes do Departamento de Filosofia: Maria Celeste Natário (que moderou), José Maria da Costa Macedo, Teresa de Jesus Macedo, e do Departamento de História: Luís António de Oliveira Ramos e Eugénio dos Santos. Discutiu-se a presença da Filosofia na cidade e como interagiram o Departamento ou os seus professores com a cidade; influências mútuas entre a cidade e a secção/departamento; sobre a Filosofia na Faculdade e a sua relação com outros departamentos, sobretudo o de História.
 - No dia 26 de novembro o tema foram *Os estudantes*, em mesa redonda moderada pela docente Eugénia Vilela, que contou com as intervenções de antigos estudantes de diferentes épocas: Rosa Maria Pinto Machado Guimarães (que ingressou no curso justamente no ano da sua abertura em 1962-1963), Lídia Cardoso Pires (também docente do Departamento), Cláudia Ramos Pereira, Helena Cláudia Faria Guimarães, João Canha Pinto Hespanhol, tendo sido sobretudo discutidos o ativismo estudantil e a participação dos estudantes na vida do curso, a importância da formação filosófica e intelectual, a filosofia nos percursos pessoais e profissionais.
 - No dia 10 de dezembro decorreu a quarta e última mesa redonda, sobre *Investigação e internacionalização*, com moderação da docente Paula Cristina Pereira e as intervenções dos Professores Maria José Cantista, Adalberto Dias de Carvalho, Maria Manuel Araújo Jorge, e dos investigadores do Instituto de Filosofia Paula Oliveira e Silva, Mattia Riccardi, Fernando Bastos. A interligação entre o Instituto de Filosofia (unidade de investigação) e o Departamento de Filosofia (unidade de ensino e investigação), os limites da investigação em Filosofia, as perspetivas de futuro para a investigação e a internacionalização, as relações internacionais na história do Departamento, a projeção do Departamento no estrangeiro e a abertura a colaborações internacionais, os percursos dos docentes no plano internacional, foram alguns dos temas tratados.
- Após a mesa redonda decorreu uma curta cerimónia de encerramento da celebração dos 50 anos do Departamento, que contou com a intervenção da Diretora da Faculdade, Prof.^a Doutora Fátima Marinho Saraiva que sublinhou o contributo do Departamento para a Faculdade nos domínios do ensino e da investigação; o Presidente do Departamento na sua intervenção agradeceu a todos os que participaram e colaboraram na organização nesta iniciativa, em particular as vogais da Comissão Executiva do Departamento, professoras doutoras Paula Cristina Pereira e Maria Celeste Natário, recordou também a atividade de todos quantos contribuíram e contribuem para o projeto comum que é o Departamento, que, mesmo no meio das dificuldades e exiguidade de meios humanos com que no presente se confronta, tem procurado reforçar o trabalho de dedicação aos estudantes, ao ensino e à investigação, contribuindo assim com o seu melhor para a Faculdade, a Universidade e o País. Encerrou a sessão e as celebrações o Senhor Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor José Carlos Diogo Marques dos Santos, que nos honrou com a sua presença e na sua alocação fez questão de sublinhar o apreço que tem pelo Departamento e pelo Instituto de Filosofia e pelo trabalho que ambos desenvolvem, recordando que sempre tem defendido que a frequência de Filosofia deveria ser oferecida como

opção a todos os estudantes da Universidade, embora conheça as dificuldades de recursos e de organização espacial da universidade que o limitam, e terminou desejando a continuação do empenhamento que a Filosofia tem mostrado para a realização de investigação de qualidade, que tem sido reconhecida como excelente pelas comissões de avaliação o que, afirmou, muito honra a universidade no seu todo.

Como era desejo da Comissão Executiva do Departamento ao organizar estes debates, que se distinguiram pela informalidade, ocorreu de facto um re-encontro entre docentes, estudantes e investigadores. Partindo das memórias, foi possível também interpelar o lugar da Filosofia, na Faculdade, na Universidade e na cidade. Todos os que participaram puderem constatar que algumas das transformações mais relevantes das últimas décadas constituíram e constituirão um desafio para reposicionar o ensino e a investigação da Filosofia, muito estando sempre por fazer na formação filosófica e intelectual que favoreça os percursos profissionais dos formados em Filosofia, a partir de diferentes experiências profissionais.

50 anos são muito tempo em incidências biográficas e institucionais. São muitas reformas, muitos regulamentos, demasiadas reuniões, dando a ilusão de uma democracia em construção permanente, mas que muitas vezes não passa de pura ilusão, tão inanes são os seus resultados. Acumulam-se por isso também os momentos de tensão, as intervenções mal compreendidas. Talvez não pudesse ser de outra maneira numa instituição que vive o paradoxo de ser a um tempo fortemente hierarquizada e formada por pares, razão pela qual as questões de carreira, devido às contingências e constrições estatutárias, se tornam o centro da vida quotidiana. Essa contradição está na raiz da dinâmica mas também dos bloqueamentos da instituição universitária desde a sua origem há mais de 800 anos, que se agrava quando ela é mais débil ou desprotegida face a formas de poder fático difuso. A não ser quando é para ajustar contas, nas celebrações não é costume lembrar estas contingências institucionais e tão humanas, até demasiado humanas. Mas, convém sempre recordá-lo, sobretudo para que saibamos que isso é o que menos importa e é o que não fica, a não ser para a pequena história.

50 anos são muito pouco tempo em unidades de conta filosófica. É um pouco mais que a duração da vida de Tomás de Aquino (1225-1274), um pouco menos que a vida de Descartes (1596-1650), é um pouco mais que o tempo que Platão (c. 427 e.C. – c. 348 e.C.) esteve à frente da Academia que fundou em Atenas, ou um pouco menos que o tempo que medeia entre a primeira e a última das obras de Kant (1724-1804). 50 anos e um departamento são de facto muito pouco na história da Filosofia ou na vida de uma instituição mais vasta. Colocando as coisas em perspectiva, isto é, no seu devido plano temporal, social e institucional, percebemos o quão limitado pode ser o contributo de uma instituição para o saber, mas também o quão grandiosa pode ser a sua função na formação e no desenvolvimento dos seus membros. É esse aspeto positivo que importa realçar, porque é aí que conta o contributo do Departamento de Filosofia.

50 anos são muito tempo e 50 anos são pouco tempo. Não é um paradoxo, nem é uma questão de perspectiva. É apenas o modo como vivemos o tempo, ou como o tempo passa por nós. O tempo do tédio e do cansaço é muito lento, aí 50 anos são uma eternidade que prende à ansiedade de nada se passar, de tudo continuar na mesma, de nada se conseguir alterar. Esse tempo lento da decepção e do engano também existe nas instituições. O tempo do saber, da acumulação de leituras a fazer, dos prazos a cumprir, é excessivamente rápido e conseguimos muitas vezes vivê-lo com o entusiasmo do ter conseguido. Esse tempo veloz

do entusiasmo e da ânsia de fazer também existe nas instituições. 50 anos são muito e pouco tempo, o suficiente para dele retirarmos satisfação como instituição.

*

A publicação deste volume da revista coincide pois com um ano de celebração para o Departamento de Filosofia. Apesar disso, não é um volume efeméride, é sim um volume normal de uma revista aberta a todas as orientações de pensamento, com artigos propostos pelos autores e selecionados pela sua qualidade através de avaliação anónima. É um volume que resulta da estreita colaboração entre o Departamento de Filosofia e o Instituto de Filosofia da Universidade Porto, unidade de investigação que integra os docentes do Departamento e de mais 5 instituições de ensino superior e de outros Departamento da Faculdade e da Universidade do Porto. A capacidade para acolher investigadores de outras instituições é também um bom testemunho da abertura que caracteriza o trabalho no Departamento de Filosofia, pelo menos nos tempos mais recentes. O Instituto, após a sua passagem em 1998 a unidade de investigação avaliada como excelente pela FCT e com o correspondente financiamento plurianual, tem desenvolvido uma intensa atividade, através de grupos de pesquisa e de projetos científicos. Esses novos meios estão também à disposição de estudantes de mestrado e de doutoramento para o desenvolvimento das suas dissertações e teses. Criaram-se assim as condições, não disponíveis em outros tempos, para uma maior interligação entre docentes e estudantes de pós-graduação na pesquisa, que este volume também reflete.

Ao fim de 50 anos de Departamento e de 2.500 anos de Filosofia continua em aberto a construção do pensamento que importa, aquele que se questiona e problematiza em permanência. E para chegar ao centenário já só faltam outros 50 anos. Afinal, reconfigurar o futuro sempre foi outra das tarefas da Filosofia.

Porto, 14 de Dezembro de 2012

José Francisco Preto Meirinhos
Presidente do Departamento de Filosofia

